

## O INTELLECTUAL COMO MEDIADOR CULTURAL PARA O TURISMO - VALDELICE PINHEIRO, UM EXEMPLO

Maria de Lourdes Netto Simões\*

A minha comunicação - **O intelectual como mediador cultural para o turismo** – quer confluir para a idéia norteadora desta mesa, a de intelectuais em trânsito. O que aqui apresentarei faz parte da pesquisa que desenvolvo na Universidade Estadual de Santa Cruz sobre Identidade Cultural, Expressões Regionais e Turismo

No seu artigo *Intelectuales hoy: ni anfitriones ni turistas*, a argentina Adriana Pérsico manifesta a sua perplexidade ante a banalização dos discursos dos intelectuais da atualidade e destaca o discurso literário como resistência à espetacularização (PÉRSICO, 1998, p.77). Querendo exatamente privilegiar um discurso intelectual emancipatório, recorro à literatura para as minhas considerações. Se o intelectual é a obra, quero observar o seu papel enquanto mediador, suscitador de deslocamentos, de trânsito entre diferentes esferas culturais, sociais e políticas. Ocupando-me do espaço sul-baiano, quero refletir sobre a sua relação com o interesse de leitores, intelectuais de espaços outros, principalmente os dos grandes centros urbanos. Para esse tipo de mediação entre intelectuais e o turismo, enfatizo a *diferença* como elemento de produção de valores locais, identitários (HALL, 2001).

Ao ocupar-me do sul da Bahia, tomo-o como representação de paisagem, bem no raciocínio desenvolvido por Hugo Achugar (ABRALIC, 2002) de estabelecer o nosso lugar como referência metafórica. É mesmo assim que intento. Falarei desse lugar - o meu – para, a partir dele, realizar uma construção metafórica de comunicação com você, leitor. Lendo o meu lugar, deverá entendê-lo como metáfora do seu próprio lugar. A idéia é ter a referência como objeto para a reflexão que o tema propõe.

---

• Titular na Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC/ Mestrado em Cultura e Turismo.  
Ilhéus – Bahia - Brasil mlsimoes@uesc.br

Aqui do meu lugar, tomo para foco desta comunicação a intelectual itabunense Valdelice Soares Pinheiro, que transitou em meios culturais vários, enquanto agricultora, poeta, filósofa e professora (Estética e Ontologia). A sua intervenção na esfera da cultura sul-baiana se realiza através de linguagem múltipla, reveladora de tantos papéis sociais da sua atuação, em temporalidades e espaços diversos, no curso do acontecer da nação grapiúna.

Na região - terra de Jorge Amado e Adonias Filho - ocorre significativa identificação de intelectuais periféricos, mediadores de um universo sócio-cultural múltiplo e singular. Tal multiplicidade é assinalada pelo encontro das diferenças étnicas - índios, brancos, negros, “turcos”, “sergipanos” - tão bem contadas pelo autor de *Tocaia Grande*. Além disso, a sua condição singular de berço do Brasil é um dos fatores asseguradores do trânsito turístico, propiciador a transculturação, trocas e transferências, interação e tradução.

Procurando atender às proposições indicadas para este simpósio, “o intelectual periférico revisitado”, ao tomar a poetisa Valdelice Pinheiro como agente, pretendo refletir sobre o seu legado, organizando a minha intervenção em três focos: o **da produção da fala, enquanto linguagens múltiplas**; da **rede de imagens**, no processo de construção identitária acrescentadora da cultura sul-baiana; finalmente, procuro apontar a possível **ação da sua obra como agenciadora para um turismo cultural** na referida região, através de textos sinalizadores de *diferença* e, por isso mesmo, suscitadores de um interesse turístico global. Em relação aos dois primeiros focos, a pretensão é mostrar um pouco do legado da escritora itabunense, e as marcas da sua *diferença* no espaço do patrimônio cultural sul-baiano. No terceiro, ressaltar sua fala como diferenciadora do local, isto é, fazer aquele exercício que Beatriz Sarlo refere quando trata do intelectual: “incorporar a arte à reflexão sobre a cultura” (1997, p. 181).

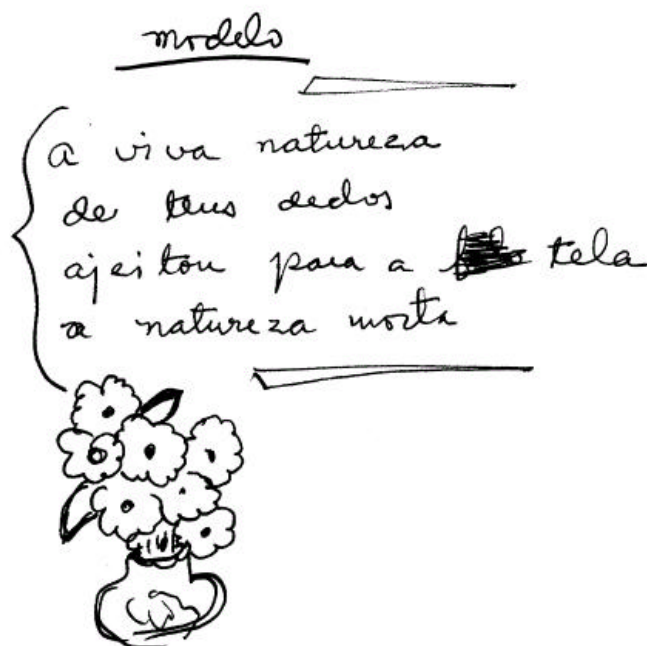
Como se pode depreender por essas minhas palavras iniciais, trato a Literatura como bem simbólico, assinaladora de *diferença* e suscitadora de trânsitos – por isso, lugar de produção de valores.

### **1- A produção da fala, enquanto linguagens múltiplas**

A fala da intelectual Valdelice Pinheiro é produzida, indisciplinadamente, no espaço de textos filosóficos, textos poéticos (poemas, prosa poética), textos auto-reflexivos e desenhos, rabiscos, fotografias.

Tendo falecido em 1993, a itabunense deixou publicados dois livros de poesia (*De Dentro de mim e Pacto*), um filosófico (*Ser e Evolução*), textos auto-reflexivos, inclusive do seu processo artístico (*Retomada*) e muitos rabiscos e desenhos (exposição organizada por Nádia Fialho), fora crônicas, em jornais locais. Entretanto, o substancial da sua produção ficou inédito, um legado que está sendo resgatado.

No trato dos manuscritos, rapidamente pode ser constatado o processo de reelaboração da poetisa.

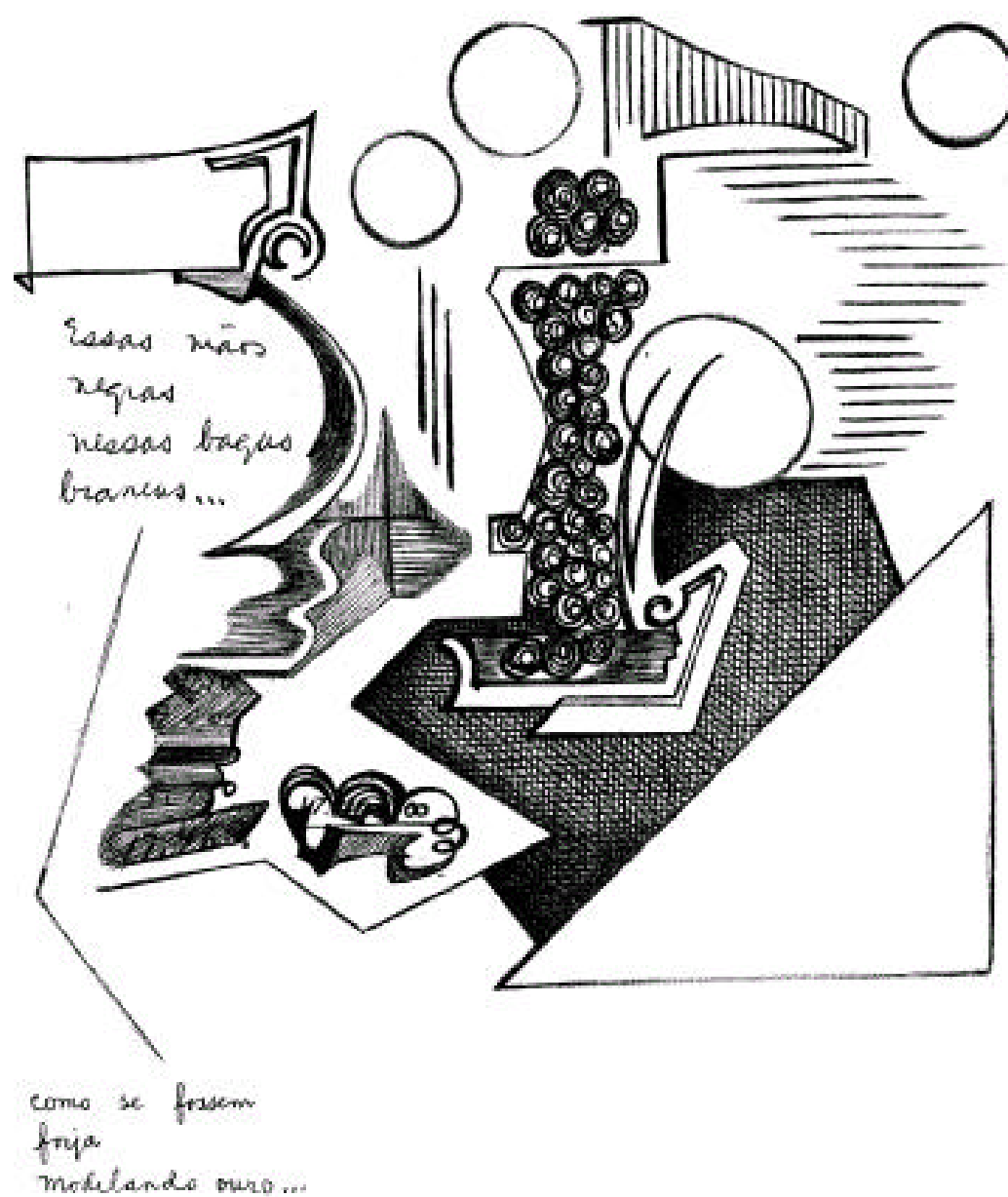


**Figura 1: Rabisco e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro**

**Fonte: SIMÕES, MLNS. *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro***

Tal processo pode ser verificado, ainda, nas várias versões encontradas de um mesmo texto, fato indicador de tempo-espacos enunciativos.

Simultâneas ao seu fazer poético, reflexões sobre a própria escrita denunciam a filósofa que existe em Valdelice Pinheiro. Esses escritos de auto-interpretação são explicativos do seu processo poético. O texto nasce do silêncio de uma voz interior impulsionadora, como ela afirma, não “a simples voz, um som emitido pela competência do aparelho fonador, mas a Voz, a VOZ [...] silêncio que chega aflito, precisando do grito, tem que inventar o som...” (in: Retomada). O processo de surgimento do poema passa pela fase do que chama de “mundo das idéias”, fase essa expressada através de rabiscos, de desenhos.



**Figura 2: Rabiscos e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro**

**Fonte: SIMÕES, MLNS. *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro***

São retas, curvas, espirais que dão surgimento a inesperadas formas e em seguida ao poema. Por vezes, as linguagens são tão imbricadas que, mesmo querendo, é impossível separá-las.



Eu não sei do Pássaro  
mim que sou de na manhã

**Figura 3: Rabisco e texto poético - Linguagens de Valdelice Pinheiro**

**Fonte: SIMÕES, MLNS. *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro***

Às múltiplas linguagens são acrescentadas da reelaboração temática, quando um mesmo tema se reescreve através das linguagens diversas. Textos filosóficos são verdadeiras matrizes de poemas ou de prosas poéticas, como é fácil de ser observado nos exemplos que seguem (SIMÕES, 2000, p.36-37):

Texto filosófico:

*No começo não era o caos, o nada, mas a Unidade, a Perfeição, a ordem absoluta no Todo, no Em Si (primordial), eterno.*

*A Perfeição absoluta explode. E a explosão é do espírito, da consciência, para criar-se a si mesma.*

*Deus, portanto, essa Existência Anterior, não criou do nada, mas CRIA de si mesmo, explodido. Criar é explodir-se no Ser.*

Texto poético: *Poema da Criação*

*Nada existia.*

*Uno e só,*

*o Em Si*

*pulsa, pulsa...*

*Como um infinito*

*Óvulo maduro.*

*O Em Si*

*não se basta.*

*E no milagre*

*de seu próprio*

*encontro*

*algo estremece e abala*

*a Eternidade:*

*o Em Si fecunda-se.*

*E por se fecundar,*

*explode-se.*

*E cria.*

*Nasce a Existência,*

*o átomo que se anima.*

*E na Existência*

*o tempo.*

*E no tempo*

*o homem.*

*O Em Si*

*se expressa.*

*E a Existência*

*o cria.*

Ou prosa poética:

*História da Criação*

*O Em -Si era um solitário dorminhoco, prisioneiro do infinito, da Eternidade. Chamava-se Ser. " Um dia", em-si-triste, em-si-zangado, em-si-prenhe e amadurecido em seu próprio ovo e em seu próprio ventre, explode-se, rompe-se, pare. E cria! E em criando-se, cria-se! Revela-se então amor e liberdade. Liberta-se. Liberta-se nas asas do finito, na animação vital do tempo-espço. E só então chama-se Deus.*

**2- A rede de imagens**, no processo de construção identitária acrescentadora da cultura sul-baiana

As *vivências* de Valdelice (ligada ao campo e às roças de cacau) substanciam a sua rede de imagens. O repertório que utiliza denuncia a sua objeção ao mando, às desigualdades sociais próprios do contexto grapiúna, da conquista das terras, do desbravar das matas, do mando dos coronéis, do poder do mais forte.

Os campos semânticos são povoados por uma repertório denunciador de uma vivência ligada ao simples, ao campo, a uma época, um lugar: *Ah, minha infância tropical, brasileira, comendo jaca e mamão, chupando cajá e tangerina, descobrindo o mel no favo, conhecendo as abelhas!* (in: SIMÕES, 2002, p.48)

Embora os seus escritos sejam, todos eles, perpassados pelo olhar voltado para o existencial, esse foco é nuanceado em blocos temáticos: tratam de liberdade, amor, desigualdade social, inadaptção à vida; falam de natureza e existência metafísica.

A angústia que a sufoca é forma de estar e sentir o mundo. Lida com a realidade com sensibilidade e olhar crítico, próprios de quem redimensiona o vivido através da experiência poética. A referida postura reflexiva da sua obra não se limita a um olhar do imediato e objetivo, “mas o aí em relação ao aqui, ao cá dentro, sujeito modificador do mundo”, como ela mesma afirma. As suas imagens (em palavras ou desenhos) são trazidas da sua memória da terra.

Os vagalumes desta noite  
iluminam minha noite  
e me emprestam  
sua luz e suas asas.  
Então, feliz,  
a estrada clareada,  
eu vou te ver.

A singularidade da sua expressão certamente atrairá leitores, turistas curiosos em reconhecer o rio Cachoeira, ou a cultura do cacau. Aqueles que pretendem conviver com a riqueza da miscigenação e multiculturalidade que a sua fala anuncia e denuncia, como no poema *Canto Brasileiro* (PINHEIRO, 2000).

*Pego-me aos pedaços. Quinhentos anos  
estranhos desfiguram minha face negra,  
meus dedos índios. Por que estes dedos*

*gorduchos se eu nunca fui barroca? Por que  
esta lágrima de Pietá, se meu  
centro é a fecundidade de minha barriga, a  
ligeireza de meus pés?*

*Restauro-me. Meus dedos de pontas  
Achatadas voltam ao rústico bambu de  
flautas indizíveis e batem, com a graça do  
braço engajando o corpo, doces berimbaus.*

*Faço minha dança no momento do golpe –  
me defendo - e canto para espantar os maus  
espíritos. Se cantar vale por rezar duas  
vezes, isto fica por conta do próprio canto.*

*Restaurando-me, cresço.  
Crio detalhes que se liberam de minha mente  
e de minhas mãos.  
Sou da idade de meus príncipes  
negros,  
jovem como meus guerreiros  
tupiniquins.*

### **3- A possível ação da obra como agenciadora de um turismo cultural para a região**

A relevância da literatura sul-baiana tem provocado a sua exploração pelo turismo que, muitas vezes de forma equivocada, coloca a cultura a serviço do *marketing*, comprometendo a identidade regional, corrompendo o bem simbólico, o patrimônio cultural local.

É bem verdade, a evidência hoje do mercado como paradigma de múltiplas liberdades. Sobre isso, cabe aqui a pergunta que faz Beatriz Sarlo (1997, p.152), quando fala sobre a cultura na Argentina: “existe outro lugar, além do mercado, onde se possa pensar a instituição de valores?”. E, no mesmo texto (p. 182), Sarlo ainda observa que “a liberdade de fruição dos diferentes níveis culturais como possibilidade aberta a todos (mas não escolhida por todos) depende de duas forças: estados que intervenham equilibrando o mercado, cuja estética denuncia um compromisso com o lucro; e uma crítica cultural que possa livrar-se do duplo isolamento da celebração neopopulista do existente e dos preconceitos elitistas que solapam a possibilidade de articular uma perspectiva democrática”. Sabemos que as possibilidades de legitimação se multiplicam. Concordo que as políticas culturais que orientam as ações de valorização, discussão, apoio à circulação dos bens culturais têm atenção à demanda do mercado, sim. No entanto, penso a ação intelectual, transitando a cultura através da arte. Creio que, assim, é possível admitir a possibilidade de uma ação intelectual contribuidora para o desenvolvimento cultural sustentável. Isso, através de discursos que se articulem, construindo o lugar, provocando outras reflexões, promovendo trânsitos, realizando trocas culturais, promovendo o respeito ao/do outro.

As marcas da Região, presentes na obra de Valdelice Pinheiro, são referenciais. Porém, mais que ser espaço de referências, ela própria, a sua obra, enquanto cultura, contribui para a

*diferença* que faz a multiplicidade e riqueza sul-baianas. O discurso que veicula é de resistência, na medida em que não se submete; é emancipatório, por sua capacidade de ação sobre o leitor.

Se as marcas de uma cidade passam pelo olhar multifocal (CANCLINI, 1977), os bens simbólicos de um espaço, por sua vez, ressaltam o cenário cultural. Urgem políticas públicas de valorização da arte como forma especializada de simbolização. Arte, conforme Sarlo (2002, p. 39), que “pressupõe a tradição, está baseada no diálogo conflitante com o passado e a postula o surgimento de algo novo”.

A ação da fala que transita junto aos leitores, intelectuais de alhures - que chegam de espaços outros -, além de evidenciar a nossa diferença, parece-me uma forma possível de contribuição para a reversão do problema - o de transformar cultura em mercadoria.

Ilhéus – Bahia, em julho de 2002.

## **Referências:**

CANCLINI, Nestor Garcia. *Imaginarios Urbanos*. Buenos Aires: EUDEBA, 1997.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Trad. Tomaz T. Da Silva e

Guacira Louro. 5.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PÉRSICO, Adriana R. . Intelectuales hoy: ni anfitriones ni turistas. In: Antelo, Raul et alii. *Declínio da Arte/ Ascensão da Cultura*. Florianópolis: ABRALIC/ Letras Contemporâneas, 1998. p. 71 – 78.

PINHEIRO, Valdelice. *Restauração – um canto brasileiro*. Ilhéus: Editus, 2000. (Poema de Folha Solta, Projeto Inéditos Valdelice Pinheiro. Coor. MLNSimões).

SARLO, Beatriz. *Cenas da Vida Pós-Moderna – intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

SARLO, Beatriz. A Literatura na Esfera Pública. In: MARQUES, Reinaldo; VILELA, Lúcia Helena (org). *Valores: arte, mercado, política* . Belo Horizonte: UGMG/ Abralic, 2002.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. *Expressão Poética de Valdelice Pinheiro*. Ilhéus: Editus, 2002.